

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**  
**(Organizadora)**

# INQUIETAÇÕES E PROPOSITURAS NA FORMAÇÃO DOCENTE

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Inquietações e Proposituras na Formação Docente

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
158	<p>Inquietações e proposituras na formação docente [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-381-1 DOI 10.22533/at.ed.811191106</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação. 3. Prática de ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Não há Educação sem História. Não há História sem Memória Ciência, sem História e Memória. Quase sempre deforma. Vejo-me entre crianças, sentindo-me professor, num barracão de chão batido, coberto de palha, no fundo do quintal, de onde era minha casa, no meu sempre, no meu mundo, no meu tudo, Parintins... [...] Saibamos construir nossa história. Saibamos semear nas memórias Daqueles que estão Daqueles que ainda virão... O pouco que fazemos O pouco que pensamos. O pouco que sentimos. O pouco que vemos... Neste percurso Que falseia o espaço. Que falseia o tempo... Agora é a hora! Este é o momento! Que todos, avancemos! (Amarildo Menezes Gonzaga/2012). Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora a presença distante das estrelas! (Mário Quintana, 1951) O trecho extraído do poema “Das utopias”, de Mário Quintana, é um convite para mantermos viva a utopia, pois uma sociedade sem utopia é uma sociedade sem sonhos e esperanças. Entendemos que, para discutir essa questão, torna-se necessário, inicialmente, evidenciar a indiscutível importância do acervo de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados na orientação ou reorientação do fazer pedagógico. No momento atual, constatamos um processo contínuo de fluxo e refluxo, um movimento incessante que caracteriza não apenas o mundo físico, mas também os domínios educacionais, psicológicos, sociais, políticos e culturais presentes no mundo. Sendo assim, urge um repensar sobre fenômenos educacionais, uma vez que o contexto teórico existente e disponível se apresenta insuficiente para responder aos problemas mais prementes ou solucioná-los. Nesse sentido, novos debates, novas ideias, novas articulações, novas buscas e novas reconstruções, fundadas em novas concepções, ou seja, novas formas de pensamento revelam a maneira de olharmos a realidade como um todo e não como uma única forma de entendermos o mundo circundante, ante a insatisfação com os modelos predominantes de explicação para as questões emergentes no âmbito educacional. Em contraposição a essa prática, Freire (1997: 21) defende que a educação compreende um espaço privilegiado para se problematizar os condicionamentos históricos, partindo do pressuposto de que “somos seres condicionados mas não determinados; ou ainda que, a história é tempo de possibilidade, (...) o futuro é problemático e não inexorável”. Sendo assim, não podemos mais conceber que, na orientação da formação dos profissionais da área educacional, haja uma predominância de tendências paradigmáticas da educação, que tenham por finalidade principal o domínio por parte do futuro profissional de conhecimentos fechados, acabados, transmitidos através de uma metodologia que exacerba a aula expositiva como técnica de ensino e considera a prova como ferramenta para aprovar ou reprovar o aluno. Essa prática revela, por um lado, a ineficiência do ensino e, por outro, o lado cruel da escola, que, muitas vezes, penaliza os excluídos socioculturalmente, estigmatizando-os e aprofundando a distância entre prática profissional e produção do conhecimento científico. Em síntese,

a formação do professor deve ser compreendida para além do simples treinamento em destrezas, na perspectiva de torná-lo sujeito do processo de (re) construção do saber. No artigo (IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES NO ENSINO SUPERIOR, as autoras Aparecida Silvério ROSA e Fernanda Telles MÁRQUES buscam analisar comparativamente os entendimentos de alunos e de professores de um curso superior acerca da questão da indisciplina em referido nível de ensino. No artigo A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, os autores Patrício Ceretta E Luiz Gilberto Kronbauer buscam tratar da importância da Ética na formação de professores, identificando espaços dedicados ao estudo de ética ao longo dos Cursos e refletindo sobre a incidência da Ética na prática docente. No artigo A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS, as autoras Magda Miranda de Assís Cruz e Magda Madalena Peruzin Tuma buscam trazer uma experiência do Ensino de História local realizada em uma escola pública, que, como campo do Estágio Curricular Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (2016). No artigo A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, busca tratar da política de institucionalização de polos de apoio presencial do sistema Universidade Aberta do Brasil. No artigo APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA, os autores Pâmela Bueno Costa e Samon Noyama buscam fazer uma provocação quanto a um tema legítimo da filosofia, que já foi motivo de especulação de filósofos na antiguidade grega e, com devido destaque, na filosofia europeia do final do século XVIII: a relação entre filosofia e literatura. No artigo AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES, as autoras Juliana Cristina Ribeiro da Silva e Patricia Helena Mirandola Garcia as autoras buscam apresentar o resultado de uma aula prática de Geografia, História, Biologia, Antropologia e Arqueologia do Mato Grosso do Sul realizada em um sítio arqueológico com figuras rupestres datadas de aproximadamente 3.000 anos. No artigo AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES, as autoras Natália Lampert Batista, Tascieli Feltrin, Elsbeth Léia Spode Becker buscam refletir o processo dinâmico e inquietador de se autotransformar pela docência é algo complexo e extremamente necessário à atuação docente em suas diversas práticas, sejam elas coletivas, sociais ou subjetivas. No artigo CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR, as autoras Elisabeth Mary de Carvalho Baptista e Iracilde Maria de Moura Fé Lima, buscam propor estratégias para serem aplicadas em sala de aula, nas disciplinas dessa área, buscando possibilitar o desenvolvimento da criatividade dos alunos, contribuindo para uma maior eficiência do processo ensino- aprendizagem na construção do conhecimento. No artigo EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA

MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE, os autores Sônia Pinto De Albuquerque Melo e Elza Ferreira Santos buscam discutir sobre a educação e a moralidade postas como instrumentos importantes à formação humana, a partir do discurso pedagógico da Modernidade, Contemporaneidade, Oitocentos e século XX.

No artigo ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS, a autora Ana Paula Guedes, busca analisar como se compreende o resgate das decisões políticas acerca do ensino de língua estrangeira no Paraná e no Brasil. No artigo ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO as autoras Paula Adriana Rodrigues e Stéfani Martins Fernandes buscam relatar a experiência e o olhar de uma professora da Instituição por meio da prática desenvolvida e uma das suas vivências numa das turmas de multi-idade com crianças de um ano e meio a cinco anos e onze meses. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA, os autores Eromi Izabel Hummel e Mara Silvia Spurio buscam apresentar a formação dos professores que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Secretaria Municipal de Educação de Londrina. No artigo FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, os autores Leni Hack e Robson Alex Ferreira buscam apresentar as reflexões sobre a formação de professores/as de Educação Física e as possibilidades de aproximação entre a Universidade e as Escolas parceiras no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. No artigo GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID, os autores Hitalo Cardoso Toledo, Jéssica Hernandes Vizu Silva, Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma, buscam relatar a experiência do pibidiano/professor de Educação Física no ensino do conteúdo ginástica para estudantes do ensino fundamental I. No artigo JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, as autoras Nakita Ani Guckert Marquez e Dalva Maria Alves Godoy buscam apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. No artigo METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES, os autores Robinalva Ferreira, Marília Morosini, Pricila Kohls dos Santos, Luisa Cerdeira buscam analisar os avanços e desafios na prática pedagógica docente e na aprendizagem de estudantes universitários após a utilização de Metodologias Ativas (MAs), na percepção de professores. No artigo M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI) os autores Ernane Rosa Martins e Luís Manuel Borges Gouveia, buscam apresentar uma proposta de um modelo pedagógico direcionado para atividades de m-learning (mobile learning), fundamentado na teoria da Sala de Aula Invertida (SAI), denominado de ML- SAI. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO

PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO, os autores Éllen Patrícia Alves Castilho e Darcísio Natal Muraro, buscam analisar, com base em John Dewey e Matthew Lipman, as relações entre diálogo e pensamento reflexivo na constituição do que chamamos de experiência de pensamento. No artigo O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO, os autores Itamara Peters, Eliana Merlin Deganutti de Barros, buscam investigar as práticas de letramento escolar realizadas no SAREH. No artigo OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II, a autoras Analice dos Santos Lima e Luciene Maria Patriota buscam relatar, descrever e analisar, o estudo com o gênero História em Quadrinhos na sala de aula. No artigo POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL, a autora Susana Schneid Scherer, busca assinalar alguns reflexos das políticas educacionais em vigência sobre os docentes públicos escolares brasileiros. No artigo REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE, as autoras Rafaelle Sanches Cutrim e Denise Bessa Léda realizam um estudo em fase inicial sobre as repercussões da financeirização do ensino superior privado na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente, a partir de uma instituição de ensino superior pertencente a um grande conglomerado educacional no Maranhão. No artigo SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS a autora Mônica Tessaro realiza um recorte de minha pesquisa de Mestrado, sendo que o objetivo geral foi investigar em que medida os processos educativos desenvolvidos na escola favorecem a estruturação do foreground dos jovens estudantes do nono ano do Ensino Fundamental. No artigo TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES a autora Adriana dos Santos busca discutir sobre a utilização de TD no âmbito das práticas pedagógicas da disciplina de Educação Física Escolar. No artigo INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL os autores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro, João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri buscam com este estudo identificar a percepção de gestores de escolas públicas sobre a educação sexual em instituições públicas escolares. No artigo: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO as autoras : Adriana Moreira de Souza Corrêa e Josefa Martins de Sousa constitui em uma pesquisa bibliográfica, com objetivo apresentar tecnologias de baixo custo que favorecem o trabalho do professor de Língua Portuguesa no ensino das pessoas com Paralisia Cerebral.

E no artigo: LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFSSIONALIZANTE os autores : Allan Charlles Mendes de Sousa, Marcos Bohrer, Cláudia Fátima Kuiawinski, Emilly Karine Ferreira e Gisele Canal Masier trata da apresentação de um projeto que propôs a construção de uma Litoteca - acervo catalogado de minerais e fragmentos de rochas - como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada no curso técnico de Agropecuária integrado ao ensino médio do Instituto Federal Catarinense Campus Videira.

Solange Aparecida de Souza

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
(IN) DISCIPLINA: PERSPECTIVAS DOCENTES E DISCENTES no ENSINO SUPERIOR	
Aparecida Silvério Rosa	
Fernanda Telles Márques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Patrício Ceretta	
Luiz Gilberto Kronbauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
A MÚSICA E A FOTOGRAFIA COMO RECURSOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS	
Magda Miranda de Assis Cruz	
Magda Madalena Peruzin Tuma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A POLÍTICA DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE POLOS DE APOIO PRESENCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL	
Tânia Barbosa Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
APRENDENDO A PENSAR: FILOSOFAR A PARTIR DA LITERATURA	
Pâmela Bueno Costa	
Samon Noyama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AULA PRÁTICA DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA, BIOLOGIA, ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA DO MATO GROSSO DO SUL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO E A IMPORTÂNCIA DA SALA DE AULA SEM PAREDES	
Juliana Cristina Ribeiro da Silva	
Patricia Helena Mirandola Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E REFLEXÕES SOBRE VIVÊNCIAS ESCOLARES	
Natália Lampert Batista	
Tascieli Feltrin	
Elsbeth Léia Spode Becker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911067</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
CRIATIVIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO SUPERIOR	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista Iracilde Maria de Moura Fé Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
EDUCAÇÃO E MORALIDADE: PILARES PARA A FORMAÇÃO HUMANA SOB A PERSPECTIVA DO DISCURSO PEDAGÓGICO DA MODERNIDADE À CONTEMPORANEIDADE	
Sônia Pinto De Albuquerque Melo Elza Ferreira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8111911069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
ENSINO DA LÍNGUA FRANCESA E POLÍTICAS PÚBLICAS	
Ana Paula Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
ENTRE SONS, LUZES E CORES: UM OLHAR SENSÍVEL DA PRÁTICA DOCENTE NO AMBIENTE MULTIETÁRIO DA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL IPÊ AMARELO	
Paula Adriana Rodrigues Stéfani Martins Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>131</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AÇÕES EXERCIDAS PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LONDRINA	
Eromi Izabel Hummel Mara Silvia Spurio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O PIBID ENQUANTO POSSIBILIDADE DE APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA	
Leni Hack Robson Alex Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>153</b>
GINÁSTICA NA ESCOLA: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA NA VISÃO DOS BOLSISTAS PIBID	
Hitalo Cardoso Toledo Jéssica Hernandez Vizu Silva Ângela Pereira Teixeira Victoria Palma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Nakita Ani Guckert Marquez Dalva Maria Alves Godoy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110615</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: AVANÇOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES	
Robinalva Ferreira Marília Morosini Pricila Kohls dos Santos Luisa Cerdeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>184</b>
M-LEARNING E SALA DE AULA INVERTIDA: CONSTRUÇÃO DE UM MODELO PEDAGÓGICO (ML-SAI)	
Ernane Rosa Martins Luís Manuel Borges Gouveia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
O CARÁTER DIALÓGICO DO PENSAMENTO REFLEXIVO	
Éllen Patrícia Alves Castilho Darcísio Natal Muraro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>201</b>
O ENSINO DE LÍNGUAS NO PROGRAMA DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR DO PARANÁ (SAREH): DISCUSSÕES SOBRE CURRÍCULO	
Itamara Peters Eliana Merlin Deganutti de Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>215</b>
OS DESAFIOS E ENCANTAMENTOS DO ESTÁGIO DOCENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Analice dos Santos Lima Luciene Maria Patriota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>224</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA: ELEMENTOS PARA PENSAR A ATUALIDADE DO TEMA NO BRASIL	
Susana Schneid Scherer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REFLEXOS DA FINANCEIRIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO PARA O TRABALHADOR DOCENTE	
Rafaelle Sanches Cutrim Denise Bessa Léda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.81119110622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>250</b>
SIGNIFICADOS DOS PROCESSOS EDUCATIVOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS	
Mônica Tessaro	
DOI 10.22533/at.ed.81119110623	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>264</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES SOB O OLHAR DOS DOCENTES	
Adriana dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.81119110624	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>276</b>
INQUIETUDES NO OLHAR DE GESTORES ESCOLARES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri	
DOI 10.22533/at.ed.81119110625	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>285</b>
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A PESSOA COM PARALISIA CEREBRAL: ADAPTAÇÕES QUE FAVORECEM O ACESSO AO TEXTO ESCRITO	
Adriana Moreira de Souza Corrêa	
Josefa Martins de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.81119110626	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>295</b>
LITOTECA COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFISSIONALIZANTE	
Allan Charles Mendes de Sousa	
Marcos Bohrer	
Cláudia Fátima Kuiawinski	
Emilly Karine Ferreira	
Gisele Canal Masiero	
DOI 10.22533/at.ed.81119110627	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>302</b>

## JOGOS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

**Nakita Ani Guckert Marquez**

Instituto Federal Catarinense - IFC

Rio do Sul - SC

**Dalva Maria Alves Godoy**

Universidade do Estado de Santa Catarina -

UDESC

Florianópolis - SC

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da importância dos jogos de consciência fonológica para o processo inicial de alfabetização. Os jogos e as brincadeiras fazem parte do universo cultural infantil, é por meio deles que a criança aprende, se relaciona e externa seus pensamentos e sentimentos. Utilizar os jogos e brincadeiras nas práticas pedagógicas alfabetizadoras pode ser um excelente recurso para trabalhar de forma prazerosa e desafiadora o desenvolvimento das habilidades de consciência fonológica e a compreensão do sistema alfabético, elementos esses, essenciais para a aprendizagem da leitura e da escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. Jogos. Consciência Fonológica.

**ABSTRACT:** This article aims to present some reflections about the importance of phonological awareness games for the initial literacy process. The games and games are part of the children's

cultural universe, it is through them that the child learns, relates and external their thoughts and feelings. Using games and games in literacy pedagogical practices can be an excellent resource to work in a pleasurable and challenging way the development of phonological awareness skills and the understanding of the alphabetical system, essential elements for learning to read and write.

**KEYWORDS:** Literacy. Games. Phonological Awareness.

### 1 | INTRODUÇÃO

Desde a criação da Lei nº. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que ampliou o ensino fundamental para nove anos de duração e antecipou a entrada das crianças nessa etapa de ensino, muito tem-se discutido sobre a importância de repensar o trabalho pedagógico no 1º ano, para atender as características e necessidades desse novo público. Como objetivo de orientar o processo de implantação da lei, o Ministério da Educação publicou em 2007, o documento “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos”. O documento aborda questões sobre as singularidades da infância e do desenvolvimento infantil, sugere uma reorganização do trabalho pedagógico, contemplando novos espaços e

tempos e fazendo uma aproximação entre a alfabetização, o letramento e o brincar.

É necessário, portanto, ir além da simples ampliação do tempo escolar, é preciso refletir sobre a revisão do currículo, dos conteúdos, repensar os espaços educativos, os mobiliários, os materiais didáticos e os métodos de ensino. A imaginação, o movimento, o jogo simbólico, a curiosidade, a brincadeira e a forma lúdica de conhecer o mundo são características dessa fase da vida que devem ser preservadas e exploradas nas práticas pedagógicas do 1º ano.

Pensando nessas singularidades da infância, vemos o jogo e a brincadeira como importante e significativo meio no processo de ensino e aprendizagem. É por meio do jogo e da brincadeira que a criança se apropria da realidade social e recria aquilo que sabe de forma espontânea e imaginativa. O jogo e o brinquedo permitem o avanço da capacidade cognitiva da criança, é através dele que a criança domina os conhecimentos e se relaciona com os outros.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre as contribuições dos jogos no processo de alfabetização, abordando mais especificamente os jogos de consciência fonológica, visto que inúmeras pesquisas da área demonstram a importância do desenvolvimento da consciência fonológica para a aprendizagem da leitura e da escrita.

## 2 | OS JOGOS E A APRENDIZAGEM

Ao longo da história o jogo já assumiu diversas funções, como a promoção da recreação e do relaxamento, a propagação de valores éticos e morais, a identificação da personalidade e também como estratégia para um ensino mais lúdico. O uso dos jogos como recurso pedagógico na escola, com um olhar para o desenvolvimento infantil, ganha força com a expansão da educação infantil, através das contribuições de diversos educadores como Friedrich Froebel, Edouard Claparède e Maria Montessori. Nos dias atuais esse recurso tem sido utilizado nas escolas de duas formas: a primeira no seu sentido mais amplo, como um material para livre exploração, objetivando o desenvolvimento geral da criança, e a segunda no sentido mais restrito, como recurso para a aquisição de conteúdos escolares específicos, sendo classificados como jogos didáticos. (KISHIMOTO, 2003).

Segundo Leontiev (1988, p.56) é através do jogo e da brincadeira que ocorrem mudanças significativas no desenvolvimento psíquico dos sujeitos “na qual se desenvolvem os processos psicológicos que preparam o caminho da transição da criança em direção a um novo e mais elevado nível de desenvolvimento”. Os jogos e as brincadeiras proporcionam às crianças a possibilidade de se inserirem no mundo adulto. Por meio de suas ações e interações elas enfrentam a realidade, compreendem o mundo em que vivem, fazendo com que experienciem as regras e os papéis sociais e conseqüentemente ampliando seu desenvolvimento moral e social. É por intermédio

do jogo que a criança age sobre o mundo, mesmo que de forma simbólica e imaginária.

O uso de jogos nas práticas pedagógicas de alfabetização e letramento oportuniza as crianças experimentarem situações de aprendizagem e, até mesmo, da vida social, despertando a motivação, a expressividade, a imaginação, a linguagem comunicativa, a atenção, a concentração e o raciocínio lógico. Para Kishimoto (1994) o lúdico é um recurso para o desenvolvimento da linguagem e do imaginário, como um meio de expressão de qualidades espontâneas ou naturais da criança. O jogo colabora com a aprendizagem de valores importantes, possibilita a socialização e a internalização de conceitos de maneira significativa e prazerosa.

É por meio do jogo que a criança se apropria da realidade social e recria aquilo que sabe de forma espontânea e imaginativa. O jogo permite o avanço da capacidade cognitiva da criança. Seu caráter lúdico torna a aprendizagem mais significativa, possibilitando a criança fazer relações entre o que está aprendendo e o cotidiano. A ludicidade pode assumir o papel de sondar, introduzir ou reforçar os conteúdos, fundamentado nos interesses que podem levar o aluno a sentir satisfação em descobrir e aprender. De tal modo, o lúdico se torna uma ponte que auxilia na melhoria dos resultados que os professores pretendem alcançar (BRASIL, 2007).

A utilização dos jogos de alfabetização oportuniza aos alunos atuarem de maneira lúdica, sobre a linguagem e seus aspectos, transformando a língua em objeto de estudo e refletindo sobre o seu funcionamento. Segundo Leal, Albuquerque e Leite (2005), a partir da bagagem cultural e da disposição que os alunos têm para brincar com as palavras, o professor pode propor jogos que auxiliem na reflexão fonológica e na aprendizagem do sistema de escrita alfabético, tornando o ensino mais dinâmico e significativo, substituindo atividades mecânicas, repetitivas e cansativas. Pode-se partir do conhecimento prévio das crianças sobre cantigas de roda, parlenda, adivinhações, trava-línguas, charadinhas, caça-palavras, para ampliar esse repertório visando a reflexão sobre a língua como objeto de estudo.

Quando se trata de jogos que envolvem o sistema de escrita, independentemente do grau de conhecimento que os alunos tenham sobre a leitura e a escrita, o jogo propicia que todos os envolvidos mobilizem, socializem e ampliem os seus saberes.

### **A consciência fonológica no processo de alfabetização**

Nas últimas décadas diversos estudos na área da alfabetização tem demonstrado a relação entre o desenvolvimento das habilidades metalinguísticas e a aprendizagem da língua escrita (MALUF, ZANELLA e PAGNEZ, 2006). Para Scliar-Cabral (1995) o ser humano é capaz de refletir criticamente sobre o código linguístico, nos níveis fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Corroborando com essa ideia Cielo (2001) define consciência linguística como a capacidade do indivíduo de refletir conscientemente sobre a língua em seus diferentes níveis, dissociando-a do seu significado, tratando-a como objeto para análise, observação e manipulação.

Pesquisas apontam que dentre as habilidades metalinguísticas a consciência fonológica é a habilidade que mais auxilia na aprendizagem da leitura e da escrita, pois seu desenvolvimento contribui para a aprendizagem da correspondência fonema-grafema (MALUF, 2005).

Segundo Freitas (2004) a consciência fonológica consiste na habilidade do indivíduo de refletir conscientemente sobre os sons da fala, fazendo da língua um objeto de pensamento, possibilitando assim, a reflexão sobre os sons da fala e a manipulação da estrutura sonora das palavras. É por meio dela que o indivíduo reconhece palavras que rimam, terminam ou começam com o mesmo som, adicionam, segmentam, invertem e subtraem sílabas ou fonemas, a fim de formar novas palavras. A consciência fonológica permite ao indivíduo falar a respeito de suas reflexões sobre os sons da língua, quais as combinações de sons possíveis, e também as não possíveis em sua língua (ALVES, 2012).

Para Moojen e.al. (2013), apud Costa (2012)

a consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliteraões (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir, transpor).

A consciência fonológica não é uma estrutura unidimensional, ela se constitui em diferentes níveis, de acordo com o grau de complexidade linguística que exigem. Quando relacionamos a consciência fonológica com o processo de alfabetização, é importante distinguir e caracterizar esses níveis, pois cada um deles tem diferentes implicações nesse processo (SOARES, 2017).

De acordo com Alves (2012) a língua pode ser segmentada em diferentes formas: as frases podem ser segmentadas em palavras, as palavras em sílabas, as sílabas em *onset* e rimas ou em fonemas. São essas diferentes habilidades de reflexão e manipulação das unidades linguística que determina os diferentes níveis de complexidade da consciência fonológica. Conforme Chard e Dickson (1999) apud Alves (2012), a consciência fonológica se desenvolve em um *continuum* de complexidade. A habilidade menos complexa é a de reconhecimento de rimas de palavras, seguida pela capacidade de manipulação de sílabas e de unidades intrassilábicas, chegando ao nível mais complexo, o extremo do *continuum*, que é a consciência ao nível dos fonemas.

Apesar de não haver ainda um entendimento entre os pesquisadores do número exato de níveis de consciência fonológica, a maioria adota três níveis: consciência silábica, intra-silábica e fonêmica.

A consciência silábica pode ser adquirida pela criança antes mesmo do processo de alfabetização. Ela corresponde a capacidade de perceber e operar sobre as sílabas das palavras. Ao adquirir essa habilidade a criança é capaz de contar o número de sílabas de uma palavra; inverter, adicionar e excluir sílabas das palavras; segmentar

as palavras em sílabas; e formar palavras a partir da junção de sílabas (ALVES, 2012).

A consciência intra-silábica é a capacidade de perceber e operar sobre as unidades menores que uma sílaba, mas maiores que o fonema. As unidades intrassilábicas podem ser divididas em ataque, também chamado de *onset* e rima. O ataque ou onset “é a posição silábica que compreende os segmentos que antecedem a vogal da sílaba” (ALVES, 2012, p.35). Já a rima silábica corresponde aos segmentos que não fazem parte do ataque. Por exemplo: na sílaba “bar” o ataque está representado pela consoante “b” e a rima silábica pelos componentes restantes da sílaba “ar”, ou seja, pela vogal “a” e a consoante “r”. De acordo com Freitas (2004) no nível intrassilábico o indivíduo é capaz de desenvolver tarefas como identificação e produção de rimas de sílabas e aliterações.

O nível mais complexo da consciência fonológica é o da consciência fonêmica, visto que estas unidades fonológicas são abstratas. Alves (2012) define a consciência fonêmica como a capacidade consciente de percepção e manipulação dos fonemas, ou seja, da menor unidade de som de caráter distintivo na língua, reconhecendo que uma palavra é um conjunto de fonemas. Nesse nível a criança é capaz de segmentar palavra em sons; identificar palavras iniciadas ou terminadas com o mesmo som; juntar sons isolados para formar palavras; adicionar, subtrair ou modificar a ordem dos sons para formar outras palavras; e identificar palavras diferentes pelo fonema inicial (FREITAS, 2004). Esse é o mais difícil nível de aquisição e por isso o último a ser desenvolvido. O desenvolvimento desse nível requer um ensino explícito da relação grafema-fonema. Antes de começar a escrever as crianças precisam entender que cada pedacinho de som que falamos corresponde a uma letra e que inversamente os símbolos escritos no papel representam os sons da fala (ALVES, 2012).

Para Scherer (2012) a consciência fonêmica é o nível que requer maior maturidade linguística do falante. As crianças desde cedo já percebem rimas e aliterações, mas não são capazes de desenvolver a consciência fonêmica voluntariamente. Para desenvolver esse nível o papel da alfabetização é fundamental. Analisando as pesquisas de Liberman et al. e Morais et al., Godoy (2008) constatou que as habilidades silábicas, de rimas e de aliterações se desenvolvem mais cedo nas crianças e de forma espontânea através das trocas sociais que oportunizam as experiências linguísticas, em contrapartida a consciência fonêmica só é observada a partir dos 6 anos, quando associadas a aprendizagem do sistema alfabético.

Segundo Godoy (2008) a habilidade de consciência fonêmica, apesar de ser fundamental para o sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita, não é a única habilidade indispensável. Para dominar os princípios do sistema alfabético, o conhecimento das correspondências grafema-fonema também é muito importante. Byrne (1995) em suas pesquisas, descobriu que crianças não alfabetizadas são incapazes de descobrir o princípio alfabético sem o ensino explícito das correspondências grafema-fonema. Para ele, a consciência fonológica e o conhecimento da relação grafema-fonema, operam de maneira complementar no processo de aquisição do princípio

alfabético, nenhum dos dois é suficiente por si mesmo.

Para aprender a ler e a escrever em uma ortografia alfabética são necessárias duas habilidades: o conhecimento das correspondências entre grafemas e fonema, e a consciência fonológica, da qual a consciência fonêmica é a habilidade determinante. Essas habilidades estão inter-relacionadas, na medida que “o ensino explícito das correspondências grafema-fonema favorece o desenvolvimento da consciência fonêmica que, por sua vez, imprime facilidade à aprendizagem da leitura.” (GODOY, 2016, p. 84).

De acordo com Rego (1995) a consciência fonológica tem uma estreita relação com a aprendizagem da escrita e da leitura em um sistema alfabético, pois o sistema alfabético se baseia no princípio de que as letras representam fonemas. Por isso sujeitos que dominam a correspondência grafema fonema são capazes de ler qualquer tipo de palavras, seja ela familiar ou não. Soares (2017) corrobora com essa ideia quando diz que a escrita alfabética consiste no processo de converter os sons da fala em letras, ou combinações de letras, já a leitura corresponde ao processo inverso, a conversão das letras, ou combinações de letras nos sons da fala.

Oportunizar as crianças, desde cedo, a refletirem sobre o aspecto sonoro e segmentar da linguagem oral e a manipularem dos sons e das estruturas das palavras, fazendo da língua um objeto de pensamento, contribui significativamente para a aprendizagem da leitura e da escrita (ADAMS et al., 2006). Isso justifica a importância de o professor alfabetizador criar estratégias lúdicas de ensino que possibilitem o desenvolvimento da consciência fonológica, mais especificamente da consciência fonêmica, e a aprendizagem da relação grafema-fonema. Freitas (2004) afirma que a utilização de jogos e brincadeiras com o objetivo de facilitar o desenvolvimento de habilidade metafonológicas auxilia na aprendizagem da escrita. Diante disso, levar o aluno a relacionar a oralidade e o código escrito é fundamental no processo de alfabetização.

### **Jogos para desenvolver as habilidades de consciência fonológica**

Existem diversos jogos e brincadeiras que trabalham com as capacidades de identificação, comparação e manipulação dos sons das palavras. Por meio deles a criança é capaz de comparar palavras quanto à semelhança sonora, percebendo que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais; compreender que as palavras são formadas por unidades sonoras menores e que para aprender a escrever é preciso refletir sobre os sons das palavras e não apenas sobre seus significado; acrescentar, subtrair, substituir, segmentar e recombinar sons no nível silábico e fonêmico, formando novas palavras; e encontrar palavras dentro de outras palavras, entre outras possibilidades. É importante utilizar esses jogos de forma que possibilite o desenvolvimento dessas habilidades de forma gradual. Iniciando a partir das unidades maiores, discriminação de expressões, palavras ou sílabas, indo em direção das unidades menores, como

discriminação de rimas, aliterações e sílabas, e só depois a consciência dos fonemas independentes. (SOARES, 2017).

Adams et al. (2006) no livro “Consciência fonológica para crianças pequena” apresenta uma série de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento gradativo da consciência fonológica em crianças. Ela os divide em seis categorias:

- Jogos de escuta: “Ouvindo sons”, “Gato mia”, “Escondendo o despertador”, “Quem dia o que”, “Sussurre seu nome”, “Sem sentido”, “Telefone sem fio” e “Você lembra?” são os primeiros que devem ser trabalhados como as crianças, pois desenvolvem e amadurecem a audição, desafiando as crianças a escutarem os sons ao seu redor. É a partir dele que as dificuldades vão sendo paulatinamente aumentadas.
- Jogos com rimas: os jogos “Poesias, canções e versos”, “Histórias rimadas”, “Enfatizando a rima por meio do movimento”, “Rima de palavras”, “Este navio está levando um...”, “Rimas de ação” e “O livro de rimas” propiciam as crianças que voltem a sua atenção para a estrutura sonora das palavras, não apenas para o significado da palavra, como também para sua forma.
- Jogos para desenvolvimento da consciência de palavras e frases: os jogos “Introduzindo a noção de frase e de palavras”, “Ouvindo palavras em frases”, “Exercícios com palavras curtas e longas” e “Palavras em contexto e fora de contexto” proporcionam às crianças a compreensão de que a linguagem oral é feita de níveis de unidades linguísticas menores, levando-as a perceber que a fala é composta por frases, que são compostas de palavras que possuem significados e ordem específica.
- Jogos para desenvolvimento da consciência silábica: o objetivo dos jogos “Batendo palmas para os nomes”, “Pegue uma coisa da caixa”, “O sucesso do rei”, “Escutar primeiro, olhar depois” e “Papo de ogro I” é possibilitar às crianças a percepção de que as palavras são compostas por unidade, as sílabas.
- Jogos para a introdução de fonemas iniciais e finais: a partir dos fonemas iniciais e finais das palavras os jogos “Adivinhe que é”, “Palavras diferentes, mesmo fonema”, “Encontrando coisas”, “Estou pensando em uma coisa”, “Pares de palavras I: exclua um fonema”, “Pares de palavras II: acrescenta um fonema” e “A teia de aranha” introduzem as crianças na aprendizagem dos fonemas, levando-as a reconhecerem e distinguirem uns dos outros.
- Jogos e brincadeiras para consciência fonêmica: os jogos desse grupo, “Palavras básicas de dois (ou três) fonemas”, “Encontros consonantais”, “Construindo palavras de quatro fonemas”, “Adivinhe qual é a palavra” e “Papo de Ogro II: fonemas” ajudam as crianças a compreender a natureza do fonema, distinguindo a forma como são articulados e como soam. Eles têm como objetivo desenvolver a flexibilidade cognitiva das crianças durante a síntese e a análise dos fonemas.
- Jogos e brincadeiras para introduzindo as letras e a escrita: o objetivo dos jogos “Adivinhe que é”, “Nomes de figuras: fonemas, letras iniciais ou finais”, “Estou pensando em uma coisa”, “Buscando figuras”, “Introduzindo a forma como as palavras são escritas”, “Troque um letra” e “Pronunciando palavras” é mostrar as crianças que cada fonema é representado por uma letra

e que uma palavra é a sequência de fonemas representados, da esquerda para a direita, por uma sequência de letras (ADAMS et al., 2006).

Outro material bastante interessante que auxilia os professores a pensarem estratégias de ensino que promova o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças em fase de aprendizagem da leitura e da escrita é a caixa de jogos de alfabetização do Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

A caixa de jogos de alfabetização é um material didático desenvolvido em 2009, pelo Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), da Universidade Federal do Pernambuco em parceria com Ministério da Educação (MEC). O material contém dez jogos de alfabetização, que possibilitam o trabalho acerca da reflexão sobre a língua e o funcionamento do sistema de escrita alfabética.

Segundo Brandão (2009), os dez jogos podem ser classificados em três grandes blocos: jogos para desenvolver a análise fonológica, sem correspondência com a escrita; jogos que possibilitam a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético e jogos para sistematização das correspondências grafofônicas.

O primeiro bloco é composto por 5 jogos que contribuem para o desenvolvimento de diversas habilidades da consciência fonológica, são eles: “Bingo dos Sons das Iniciais”, “Caça Rimas”, “Dado Sonoro”, “Trinca Mágica” e “Batalha de Palavras”. Os jogos desse bloco tem como objetivo levar a criança a refletir sobre as propriedades sonoras das palavras, desenvolvendo a consciência fonológica por meio da exploração de aliterações e rimas; comparar palavras quanto à semelhança sonora, percebendo que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais; compreender que as palavras são formadas por unidades sonoras menores e que para aprender a escrever é preciso refletir sobre os sons das palavras e não apenas sobre seus significados; identificar a sílaba como unidade fonológica e segmentar palavras em sílabas comparando quanto ao número de sílabas (BRANDÃO et al., 2009).

Já o segundo bloco é composto por 4 jogos que possibilitam a reflexão sobre os princípios do sistema alfabético, a saber: “Mais Uma”, “Troca Letras”, “Bingo da Letra Inicial” e “Palavra Dentro de Palavra”. Os jogos desse grupo contribuem para que a criança conheça as letras do alfabeto e seus respectivos nomes estabelecendo correspondência grafema-fonema; compreenda que as sílabas são formadas por unidades menores e que cada fonema equivale a uma letra ou conjunto de letras (dígrafos) e que elas variam quanto ao número de letras; compare palavras, identificando semelhanças e diferenças sonoras entre elas; perceba que ao acrescentarmos uma letra em uma palavra, esta é transformada em outra palavra; entenda que existe um sentido para a escrita e que a ordem em que os fonemas são pronunciados corresponde à ordem em que as letras são registradas no papel; e compare palavras quanto às semelhanças sonoras e gráficas, às letras utilizadas, à ordem de aparição delas (BRANDÃO et al., 2009).

O bloco correspondente a sistematização das correspondências grafofônicas é composto por apenas um jogo, denominado “Quem Escreve Sou Eu”. Esse jogo busca

solidificar as correspondências grafofônicas, contribuindo para que a criança conheça as letras e faça as suas correspondências sonoras, mobilizando seus conhecimentos para a leitura e a escrita fluente. O professor ao utilizar esse jogo também pode ampliar as possibilidades, trabalhando com os conhecimentos das regras ortográficas, por exemplo (BRANDÃO et al., 2009).

Os jogos aqui apresentados são algumas sugestões no sentido de contribuir com o trabalho dos professores alfabetizadores. Quando bem planejados, eles podem ser uma excelente estratégia para motivar e desafiar as crianças a pensarem sobre a linguagem e sobre o nosso sistema de escrita alfabética, tornando assim a aprendizagem mais significativa e prazerosa.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos referenciais pesquisados percebe-se o papel fundamental que o desenvolvimento da consciência fonológica ocupa no processo de alfabetização das crianças. Quando desenvolvidas essas habilidades nos alunos, através de práticas pedagógicas lúdicas, contextualizadas e desafiadoras de alfabetização, facilita-se o processo de ensino-aprendizagem.

Os jogos que contribuem para a reflexão fonológica da criança, levando a mesma a perceber semelhanças sonoras, apoiando a escrita com base no conhecimento dos sons da fala e manipulando a estrutura das palavras são um meio de prepará-la para a assimilação do sistema de escrita alfabética mais facilmente e levá-la a compreensão da relação entre grafema e fonema.

O uso de jogos pedagógicos nas atividades alfabetizadoras pode ser um importante aliado do professor em sala de aula, desde que esses momentos sejam planejados a partir de objetivos bem definidos. É possível alfabetizar de maneira lúdica e desafiadora, sem necessitar de treinos repetitivos e enfadonhos, mas para isso é importante que o professor esteja atento as necessidades das crianças e que tenha conhecimento sobre consciência fonológica e sobre os jogos a serem utilizados.

Quando incorporada a ludicidade nas práticas pedagógicas de alfabetização, estaremos potencializando as possibilidades de aprendizagem das crianças e estimulando o prazer no processo de aprender. Os jogos de consciência fonológica aliados a práticas que valorizam os conhecimentos dos alunos e que abordam as reflexões sobre a função social do uso da leitura e da escrita contribuem de maneira mais eficiente e significativa para um avanço na qualidade de ensino.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marilyn Jager et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ALVES, U. O que é consciência fonológica. In: LAMPRECHT, R. R. **Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi Alves et al. **Manual Didático Jogos de Alfabetização**. Recife: Editora eletrônica Eduardo Costa de Queiroz, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.
- CIELO, C. A. **Relação entre a sensibilidade fonológica e a fase inicial da aprendizagem da leitura**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- COSTA, Renata Gomes da. Consciência fonológica em adultos da EJA. Dissertação (mestrado)** - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- FREITAS, Gabriela Castro Mendes de. **Sobre a consciência fonológica**. In: LAMPRECHT, Regina et al. **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- GODOY, Dalva Maria Alves. Por que ensinar as relações grafema-fonema? **Revista Psicopedagogia** 25(77): 00-00, 2008.
- GODOY Dalva Maria Alves; VIANA, Fernanda Leopoldina. Conteúdos linguísticos como subsídio à formação de professores alfabetizadores - a experiência do Brasil e de Portugal. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP**, v. 97, p. 82-96, jan./abr. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n245/2176-6681-rbeped-97-245-00082.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- \_\_\_\_\_ (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- LAMPRECHT, Regina Ritter et al. **Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUEQUE, Eliana Borges Correia; RIOS, Tânia Maria Rios. Jogos: alternativas didáticas para brincar alfabetizando (ou alfabetizar brincando?). In: MORAIS, Artur Gomes; LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUEQUE, Eliana Borges Correia. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.111-132.
- LEONTIEV, A.N. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar** In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.
- MALUF, M. R. **Ciência da leitura e alfabetização infantil: um enfoque metalinguístico**. Boletim da academia paulista de psicologia, v. 2, p.35-62, 2005.
- MALUF, M; ZANELLA, M; PAGNEZ, K. **Habilidades metalinguísticas e linguagem escrita nas pesquisas brasileiras**. Boletim de Psicologia, v. LVI, n. 124, 2006.

REGO, Lúcia Lins Browne. A relação da evolução da concepção de escrita da criança e o uso de pistas grafo-fônicas na leitura. In: MARTINS, Cláudia Cardoso org. **Consciência fonológica e alfabetização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.69-100.

SCLIAR-CABRAL, L. **Da oralidade ao letramento: continuidades e discontinuidades**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 21-35, jun., 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2017.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-381-1

